

# O maestro dos transplantes

Silvano Raia fez a primeira cirurgia bem-sucedida de substituição de fígado da América Latina e foi pioneiro no mundo no uso do órgão doado por pessoas vivas

FERNANDA RAVAGNANI

N o dia em que completou 55 anos, em 1985, o cirurgião Silvano Raia realizou o que poderia ser o grande feito de sua carreira: o primeiro transplante de fígado bem-sucedido da América Latina.

Não estava satisfeito. Três anos depois, idealizava e executava o primeiro transplante hepático com doador vivo da literatura médica, abrindo uma avenida que proporcionou sobrevida a milhares de pessoas. Ainda assim não se contentou. Ao morrer, em 28 de abril, aos 95 anos, perseguia o sonho de, com a ajuda da engenharia genética e dos animais, dar a todos que precisem de um transplante a chance de receber um órgão.

“Era um trator. Não aceitava não como resposta”, lembra o colega e discípulo Paulo Massarollo, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP). Em sua sala na Unidade de Fígado do Hospital das Clínicas da FM-USP, que criou em 1975, Raia mantinha, ao lado de seus aquários marinhos, a citação do arqueólogo e escritor T. E. Lawrence (1888-1935) sobre os homens que sonham de olhos abertos.

Na autobiografia *O impossível é apenas o começo* (Editora Labrador, 2025), o duplo titular da USP – em cirurgia experimental e em clínica cirúrgica – descreveu seus lemas: pensar sempre no desafio seguinte, liderar de forma multidisciplinar e raciocinar de modo horizontal, dando espaço à criatividade.

Ao montar a Unidade de Fígado, Raia escolheu autoridades de diferentes especialidades para integrá-la, contrapondo-se à liderança centralizadora, experi-

mentada ao cursar medicina na USP, de seu mentor, o cirurgião Edmundo Vasconcelos (1905-1990).

A inspiração para o estilo de liderar, que Massarollo compara ao de um maestro, veio da hepatologista irlandesa Sheila Sherlock (1918-2001), com quem Raia estagiou no Royal Free Hospital, em Londres, em 1964. Formado em 1956, estava decidido a trazer para o Brasil o transplante de fígado, tentado sem sucesso nos Estados Unidos e na França. Para isso, decidiu estudar hepatologia clínica. Recebeu o título de doutor (PhD) pela Universidade de Londres em 1965 ao descrever, em um artigo na revista *Nature*, uma técnica de separação de dois tipos de bilirrubina (pigmento produzido pela quebra das hemácias). No mesmo ano, defendeu o doutorado na USP com um trabalho sobre o tratamento cirúrgico da esquistossomose mansônica, orientado por Vasconcelos.

Mais tarde, Raia realizou um estudo inédito comparando três técnicas cirúrgicas para evitar hemorragias no esôfago decorrentes da esquistossomose. O resultado, uma das conquistas da Unidade de Fígado, consagrou a estratégia de Vasconcelos. Aliás, foi a vaga do seu tutor que ocupou na Academia Nacional de Medicina em 1991.

Aliar pesquisa e prática clínica era um dos princípios estabelecidos por Raia para a unidade, que ganhou o apelido de “Nasa”. A experiência da equipe com hepatectomias em suínos e ressecções em humanos a preparou para o primeiro transplante de fígado com doador falecido, realizado com sucesso por Raia e Sergio Mies em 1º de setembro de 1985.



Na sequência, um novo problema se apresentou: para crianças com doenças de fígado mal havia doadores. Raia tinha observado, ao retirar o lobo esquerdo do fígado de adultos, que o órgão se regenerava. Seu raciocínio, conforme relata no livro, gerou a expectativa de que, após retirar um segmento do fígado sadio de um adulto, em poucos meses o órgão remanescente se regenerasse assim como o segmento transplantado na criança.

A descrição dos primeiros transplantes hepáticos intervivos feitos no Brasil saiu na revista *The Lancet* em 1989, assinada por Raia, Mies e José Roberto Nery. “A técnica que ele primeiro aplicou hoje é usada em larga escala. Não é exagero dizer que ele contribuiu para salvar dezenas de milhares de vidas”, afirma o cirurgião-pediátrico Paulo Chapchap, que dirigiu o Hospital Sírio-Libanês e atualmente preside o conselho do Instituto Todos pela Saúde.

Razões religiosas que impediam a doação de órgãos em alguns países impulsio-



tário da Saúde da Prefeitura de São Paulo (1993-1995) e, a partir de 2011, atuou no Ministério da Saúde para desenvolver centros de captação e transplante de órgãos e a viabilização de transplantes inovadores.

Sob sua influência, centros de transplante de fígado brotaram pelo país. “Aprendi com uma medicina ousada, multidisciplinar, e iniciei no Recife um programa que hoje tem mais de 1.800 transplantes de fígado”, conta o cirurgião Cláudio Lacerda, da Universidade de Pernambuco (UPE), orientando de Raia no doutorado. “O transplante de fígado é milagroso. O paciente está para morrer e, três meses depois, recupera a saúde plena. O serviço que Raia prestou ao Brasil é imenso”, completa.

Inconformado com a falta de órgãos, Raia aproximou-se, já octogenário, do Centro de Estudos do Genoma Humano e Células-Tronco da USP (CEGH-CEL), um dos Centros de Pesquisa, Inovação e Difusão (Cepid) financiado pela FAPESP, e de sua então coordenadora, a geneticista Mayana Zatz, iniciando um projeto para tentar revascularizar órgãos sólidos com células-tronco. “O professor Silvano Raia percebeu a importância de juntar a parte cirúrgica com os avanços em biologia molecular”, destaca Zatz. “E se encantou com a ideia do xenotransplante.”

Desde 2022, Raia estava à frente do Centro de Ciência para o Desenvolvimento em Xenotransplante, apoiado pela FAPESP. Lá, com Zatz e Kalil, que o substituiu na liderança do projeto, trabalhava para modificar geneticamente suínos a fim de obter órgãos para humanos. Em março, comemorou o nascimento do primeiro porco clonado, passo inicial para a obtenção de animais geneticamente modificados.

Filho de italianos e sobrinho do fundador da rede de farmácias Droga Raia, Silvano Mário Attílio Raia reunia os amigos em almoços para bate-papos com hora marcada para terminar – a siesta era sagrada. “Foi um ser iluminado”, afirmou o arquiteto Julio Neves, com quem manteve 79 anos de amizade. Raia continuava tão atuante que sua morte foi encarada pelos colegas como precoce. Infecções e cirurgias recentes o debilitaram e, no fim de abril, um mal-estar súbito o levou. Divorciado três vezes, teve três filhas – Virgínia (falecida em 1998), Ana e Paula – e quatro netos. ●

naram a adaptação da técnica usada em crianças para receptores adultos. Raia gostava de lembrar o sucesso da abordagem ao citar os dados do Global Observatory on Donation and Transplantation, que contabiliza mais de 112 mil transplantes de fígado intervivos entre 2000 e 2024. “Era um empreendedor. Buscava a inovação em benefício dos pacientes e tinha uma preocupação central com o Sistema Único de Saúde”, ressalta Chapchap.

“Em 1986 organizamos a Associação Brasileira de Transplante de Órgãos [ABTO]”, conta o imunologista Jorge Kalil, da USP, próximo de Raia desde 1985. “Fui o primeiro diretor-presidente e ele foi o primeiro presidente do Conselho. Trabalhamos para que a distribuição de órgãos fosse equitativa, em vez de beneficiar pessoas com mais recursos ou influência”, lembra o imunologista.

Após a aposentadoria da USP, Raia passou a atuar em hospitais privados, e comandou, entre 2012 e 2015, um curso

Seus lemas eram pensar no desafio seguinte, liderar de forma multidisciplinar e raciocinar de modo horizontal

sobre captação de órgãos em 22 estados. Além de ter criado, com Mies, a Unidade de Fígado no Hospital Israelita Albert Einstein em 2002, deixou marcas administrativas. Em sua gestão como diretor da FM-USP (1982-1986), trabalhou pela criação da Fundação Faculdade de Medicina e pela consolidação dos Laboratórios de Investigação Médica (LIM). Foi secre-